

Sacanagens poucas
não são bobagens

Dalton Miranda



**Sacanhagens
poucãs
não são bobagens**



Brasília, 2013

Copyright © Dalton Miranda / 2013

LER Editora Ltda.
SIG Quadra 04 Lote 283 – 1º Andar
Tel.: (61) 3362-0008 – Fax: (61) 3233-3771
lereditora@lereditora.com.br
www.lereditora.com.br



Editor
Antonio Carlos Navarro

Autor
Dalton Miranda

Projeto gráfico e diagramação
Samuel Tabosa de Castro

Revisão:

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida
por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Obra em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Miranda, Dalton.

Sacanagens poucas não são bobagens / Dalton Miranda . — Brasília:
LER Editora, 2013.

58 p. 21 cm.

ISBN: ISBN 978-85-64898-53-0

1. Literatura Brasil. 2. Poesia; II. Título.

CDU 82-93

I

Namaste, para quê?
Peace, nem por um triz
Paz, com antraz
Eita mundo incapaz



II

A parteira
Pariu parindo pela parteira
Parindo pariu
Putá que pariu!



III

O rego teu
É o descarrego meu
Crente ou ateu
Não importa quem fudeu



IV

Uma bunda
Que em sonho abunda
Tão profunda
Bela e rotunda



V

Ontem, aos 18 era:

– Cara, sinto, mas agora é por sua conta

Hoje, aos 18:

– Filho, tua cama vai estar sempre pronta



VI

Ela empinou a rabeta
Opa, que isso é coisa do capeta
Sem medo de careta
Meti-lhe a vareta



VII

Em pé na varanda
Ela chupando manga
Somente com fina tanga
Ah, comeria sua moranga



VIII

Chulo e libidinoso
Amor gostoso e teso
Se não rezo como casto
Corro pra te dar um amasso



IX

Mão naquilo
Aquilo na mão
A carola não se enrola
Quando dá tratos à bola



X

Rima com sexo
Parece algo sem nexo
Mas é na cama que encena o drama
Do fato ao ato complexo



XI

Ele é o cara
Pois das caras que conheceu
Uma coisa resolveu
Toda tara quando com elas fudeu



XII

Toda montada
No tamanco e purpurina
Menino ou menina?
Não importa, é dona de língua ferina



XIII

O cu curioso
Sem culpa e atolado
Cuspiu até no diabo
Enquanto cutucado



XIV

Cri, cri, cri
Faz o grilo
A dona do grelo
Só ri, ri, ri



XV

Ao dar espaço
Com palavras e cansaço
Busco e ultrapasso
Os limites para romper teu cabaço



XVI

Que tal a *periguete*
Montada no corpete
Que na hora “H”
Nega-lhe a boquete



XVII

Chorando escorrego
Lento por teus regos
Chama-me lascivo
Que nada, entrego-me a ti vivo



XVIII

Profana
Mas não me enganas
Te assanhas
Conheço tua sanha



XIX

O tarado afobado
Antes do ato
Acabará envergonhado
Pois que ficou só e gozado



XX

Somente brota
A bela xota
Após boa piroca
Deliciosamente proposta



XXI

Pinto a puta
A puta quer pinto
Enquanto a defino com o pincel
Traço-lhe o anel



XXII

A mulher casada
Para o marido está cansada
Para o jovem, entretanto
Fica toda molhada



XXIII

O ébano da mão peluda
Não e lobisomem
Nem o lambe homem
Comedor da patroa carnuda



XXIV

Senta escoreita
A (bu) ceta mina porreta
Na (ca) ceta desse tretra
Sem fazer careta



XXV

Tons estão na moda
Literatura para animar
A mulherada necessitada
Carente d'uma boa chinelada



XXVI

Dar prazer

Ter prazer

Sinônimos de poder

Poder a quem sabe satisfazer



XXVII

Tem quem curta luta de espadas
Tem quem aprecie luta na mãozada
Tem quem curta não lutar
Curto a pelada



XXVIII

Fico de cara amarrada
Quando as doidas
De caras safadas
Ficam de pernas cruzadas



XXIX

A mulher te julga
Os amigos insultam
Você se culpa
Ah, a puta, a ti se subjuga



XXX

A pornografia é para o real

A fotografia

Para o normal

De algum ideal



XXXI

Orgia é terra de ninguém
Onde quem vai também vem
E a suruba só acaba
Quando todo mundo desaba



XXXII

Da ação e reação
Temos tensão na fricção
Na consumação quase morro
De tanto gozo e tesão



XXXIII

O falso culto
Reclama seguidores em culto
Para manter-se impoluto
Por trás de mero vulto



XXXIV

O compasso aberto

A régua em riste

Para a matemática não dão vez

Quando $1+1$ pode resultar 3



XXXV

Baixo
Calado
Facho
Tarado



XXXVI

Uma punheta
Não vale mais que uma boa buceta
Mas uma bela buceta
Vale sim uma boa punheta



XXXVII

Na frente e por trás
Por cima e abaixo
Oferece-me os orifícios que tem
A dama sem desdém



XXXVIII

Como casca de noz
É o jovem amor
Como ressaca de nós
É a velha dor



XXXIX

Quem tem juízo
Não toma prejuízo
Toma sim prejuízo
O fraco de juízo



XL

Deito a pena
No roto papel
Contra peso pena
Doutores de anel



XLI

A dor que sinto
Não minto
Não tem nome
É alma com fome



XLII

Bicha, bicho
Grita, grilo
Esbaldando, fumando
Cada qual segue levando



XLIII

Mudo quando escuto
Surdo quando surto
Vivo no absurdo
Do teu ser obscuro



XLIV

Shout and scream
For a shot of ice cream
Not a dream
Just a sin



XLV

Dar um bote no mote

É dor na sorte

Sangrar sem corte

Viver a morte



XLVI

Vermelho, azul

Azul, vermelho

Não importa (a ideologia)!

Com (e no) poder, todos ficam Cinza



CARA NO CHÃO

EU

Bom, não ouvi, nem vi nada
O tapa foi forte, mão cheia
Quando dei por mim
‘tava de cara no chão

ELE

Bem, não senti, nem pensei em nada
Espalmei e mandei a tapa
Quando me aprumei
O cara ‘tava no chão



EU

O cheiro de urina era forte
Ainda fresco e seco no meu rosto quente
Da mãozada ou do chão úmido
Enchi as calças

ELE

A coisa toda ia demorar
Calor e muita cerveja
Não me aguentei
Urinei no chão cimentado



EU

Meus pulsos doíam
Talvez não mais que toda humilhação da alma
O cubículo estava escuro
Ou pelo menos assim me pareceu

ELE

Amarrei bem apertado
Até assar a carne branca
Soquei os olhos até fechar
E ver o sangue jorrar



EU

Ao longe gritavam coisas que não entendia

Repetiam e repetiam

Baluciei

Até o dente pelo beijo escorregar

ELE

Eu entendia o que ouvia

Mas não ouvia o que respondia

Chutei

Até a boca melar



EU

Um telefone tocou
Dos antigos, caixa preta e de discar
Fio grosso e desencapado
Hora de morrer

ELE

O celular tocou
Imitando os clássicos
Alguns alô e a negação
Hora de viver



EU

O corpo todo dói
Sol quente, terra e capim
Corpo torturado
Sigo em frente sem perguntar

ELE

A mente corrói
Calor e suor cobrem o peito nu
Volto-me para trás em solidão
Sinto que dei com a cara no chão

